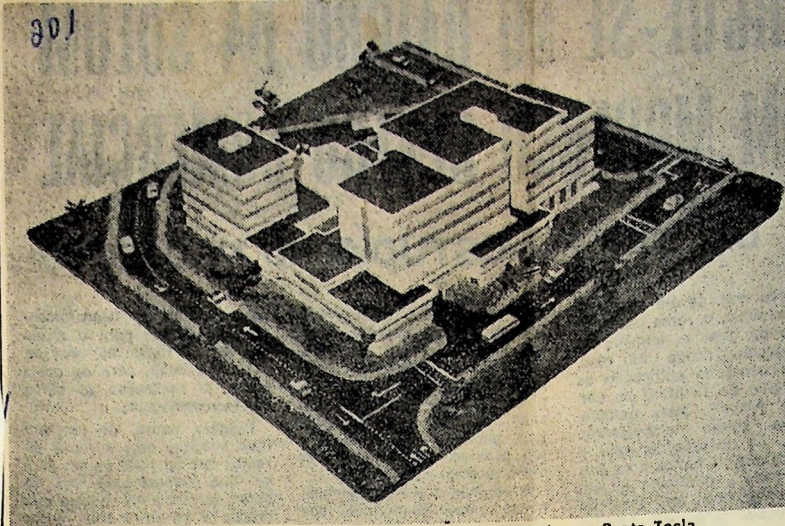


**BRAGA**



Maqueta da residência universitária, que vai ser erguida em Santa Tecla.

**UNIVERSIDADE CUIDA DOS SEUS ALUNOS [FIM]**

**RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA  
— NECESSIDADE E SOLUÇÃO**

Como referimos em apontamento anterior, a construção de uma residência universitária em Braga é a solução que os Serviços Sociais apontam para acabar definitivamente com os problemas de alojamento e alimentação que apertam os estudantes que aqui vieram fixar-se para prosseguir os seus cursos.

O dr. Armando Osório Araújo, director daqueles serviços, explicou-nos por que se aponta para tal solução:

«A Universidade do Minho, como Universidade nova que é, precisa de ter infra-estruturas de apoio imprescindíveis, designadamente no capítulo de alojamento e alimentação». E acrescentou: «pretendemos soluções definitivas, para que o Orçamento Geral do Estado não esteja sempre a cobrir a manutenção de soluções provisórias. Claro que a solução definitiva, a residência universitária e o complexo anexo, também terá de recorrer ao Orçamento Geral do Estado, mas de uma só vez e com totais possibilidades do complexo ser auto-suficiente».

O que será o complexo, onde ficarão instalados, para além da residência e restaurante, a sede dos Serviços Sociais e ainda armazéns que terão funções a nível distrital? A estas perguntas respondeu-nos o dr. Osório Araújo:

«O edifício será construído em três fases, que obedecem, evidentemente, a prioridades básicas. Assim, a primeira fase incluirá a construção da cave, onde serão instalados os

armazéns gerais, câmaras frigoríficas, câmara descongelante, cais de carga e descarga, serviços de apoio ao restaurante e serviços de apoio diverso ao complexo. O primeiro piso, ao nível do rés-do-chão, incluirá as instalações administrativas dos Serviços Sociais, posto médico com enfermaria, sala de convívio, restaurante e cozinha. Um sector mais elevado do rés-do-chão servirá ainda como biblioteca e sala de estudo. Depois, do segundo ao sexto piso, teremos os quartos, duplos e triplos, divididos em sectores masculino e feminino, todos eles com casa de banho privativa e zona para estudo. No total, ficaremos, nesta primeira fase, com 263 camas.»

E o dr. Osório Araújo acrescentou:

«O restaurante poderá servir, inicialmente, cerca de 500 almoços e 500 jantares e no futuro duplicará a sua capacidade. Quanto a custos, poderemos afirmar que a primeira fase custará 80 mil contos e que neste momento temos já 50 por cento cobertos por subsídios recebidos de diversas entidades. A segunda fase constará de um anfiteatro com 213 lugares e três quartos destinados a visitantes convidados da Universidade e, finalmente, uma terceira fase possibilitará a construção de mais quartos para estudantes. No conjunto, o complexo custará cerca de 97 000 contos. Convém referir que o terreno, foi cedido pela Câmara Municipal».

Estes dados fornecidos pelo dr. Osório Araújo podem dar

uma ideia do que será o complexo dos Serviços Sociais da Universidade do Minho. No entanto, qual a função dos enormes armazéns e câmaras frigoríficas existentes na cave?

«A finalidade é abastecer de géneros todas as cantinas escolares dos ciclos preparatórios do ensino secundário do distrito de Braga, permitindo assim uma racionalização de ementas, uma maior economia de produtos (sem intervenção de intermediários)» — esclareceu o nosso interlocutor.

Este aspecto é altamente positivo, pois que, de uma maneira geral, a alimentação nas cantinas escolares é deficiente: por falta de vocação de gestão das comissões directivas, por dificuldades de abastecimento local dos géneros e, muitas vezes pelos preços altíssimos que são praticados pelos fornecedores. Tudo isto conduz a um tipo de alimentação que, nalguns casos, é mesmo desaconselhada a estudantes ainda crianças ou mesmo adolescentes.

Mas se o funcionamento do complexo deste tipo de abastecimento é positivo socialmente, será-lo também economicamente ou val acarretar para a Universidade do Minho uma sobrecarga financeira?

É ainda o dr. Armando Osório Araújo que nos explica: «Num estudo que elaborámos para as entidades competentes demonstrámos que o funcionamento dos armazéns a nível distrital traria lucro. Aliás, todo o complexo será auto-suficiente. Estamos a pensar, quando tudo estiver montado, em fazer a gestão do restaurante e armazéns através de terminal de computador, o que significará diminuição de despesas com pessoal».

Resta agora aguardar que em Santa Tecla se comece a construir o complexo. Não será muito difícil arrançar com a obra, para a qual existe já a verba importante. E não será difícil conseguir o resto, dado o carácter altamente social de que a construção se reveste. E asseguraram-nos que 18 meses depois do início, a primeira fase estará terminada. Será assim?

Uma certeza fica: um dos problemas que indirectamente afecta a Universidade do Minho tem a solução bem perto de ser alcançada. Falta o impulso fiscal. Que se espera que apareça urgentemente. — CARLOS RIBEIRO.